

A FÁBULA DE HIGINO E O CORPO PRÓPRIO EM MERLEAU-PONTY: OSCILAÇÕES ENTRE SAÚDE FUNCIONAL E SAÚDE CRIATIVA

**HYGINUS' FABULAE AND THE OWN BODY IN MERLEAU-PONTY: OSCILLATIONS
BETWEEN FUNCTIONAL HEALTH AND CREATIVE HEALTH**

Iraquitan de Oliveira Caminha¹

Resumo:

Nosso objetivo é pensar o problema do cuidar a partir de reflexões que relacionam a fábula de Higinus à noção de corpo próprio em Merleau-Ponty. Com base nessas reflexões, propomos pensar a saúde num campo de oscilações entre saúde funcional e saúde criativa. Esse texto foi escrito para fazer parte do dossiê da *Revista Problemata* em homenagem ao Dr. Edmilson Alves Azevedo, professor aposentado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. Tive a oportunidade de ser seu aluno no mestrado em filosofia da referida universidade e depois fui colega de trabalho dele no momento em que fomos juntos professores do mesmo programa. Espero que minhas reflexões, seguindo os passos de uma escrita ensaística, possam ser inspiradoras para se pensar o cuidar e a saúde à luz de Merleau-Ponty. Dedico esse texto ao professor Edmilson Alves Azevedo que, insistentemente, situava a prática do filosofar no contexto do pensar criativo para além das repetições academicistas.

Palavras-chave: Corpo próprio. Cuidar. Saúde. Higinus. Merleau-Ponty.

Abstract:

Our goal is to think about the problem of caring from reflections that relate Hyginus' Fabulae to the notion of own body in Merleau-Ponty. Based on these reflections, we propose to think about health in a field of oscillations between functional health and creative health. This text was written to be part of the dossier of *Revista Problemata* in honor of Dr. Edmilson Alves Azevedo, retired professor of the Department of Philosophy of the Federal University of Paraíba. I had the opportunity to be his student in the philosophy master's degree of that university and then I was his co-worker at the time we were both professors of the same program. I hope that my reflections, following the steps of an essay writing, can be inspiring to think about caring and health in the light of Merleau-Ponty. I dedicate this text to Professor Edmilson Alves Azevedo who insistently placed the practice of philosophizing in the context of creative thinking beyond academic repetitions.

Keywords: Own Body. Caring. Health. Hyginus. Merleau-Ponty.



¹ Professor titular do Departamento de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba. Professor do Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física da UPE/UFPB e do Programa de Pós-graduação de Filosofia da UFPB.

Introdução

Etimologicamente, a palavra cuidar, derivada do latim *cogitatus*, é associada ao verbo *cogitare* cujas significações são: algo a se pensar, a meditar e a calcular. Mas o verbo *cogitare* provém da palavra *coagitare*, cujo sentido que dizer agitação do pensamento. No que concerne aos cuidados de longa duração, é possível identificar uma aproximação com a palavra *curare* em latim cuja significação pode ser associada à ideia de “tratar” ou “precar”. Nesse sentido, é possível considerar o conceito de cuidar nessas duas direções.

No grego, nós encontramos dois termos para pensar o sentido de cuidar: *epiméleia* – cuidar de alguma coisa ou de alguém, que exige uma atitude de cuidar de nós mesmo e dos outros. Podemos ainda constatar a utilização de *autognose* para descrever o sentido de cuidado de si mesmo no contexto do conhecimento. Derivada dessa junção entre autocuidado e conhecimento de si, nós encontramos a expressão *epiméleia heautoû* que une ética e epistemologia, permitindo o desenvolvimento de um sentido para a noção de cuidar que considere o ser humano sempre situado na *polis*.

O ser humano é existencialmente marcado pela vulnerabilidade. Decorre desta condição a necessidade de cuidados. A fragilidade da criança exige a presença de um adulto responsável para cuidar dela. É desse modo que a humanidade começa. A resposta para uma situação de originária fragilidade exige a intervenção de um adulto cuidador capaz de criar um ambiente caloroso para atender as necessidades das crianças. Segundo Winnicott (1975), a mãe suficiente boa é aquela que corresponde inteiramente às necessidades da criança. Nesse sentido, o cuidar é uma resposta à fragilidade humana, considerada como a marca fundamental da humanidade.

Outra maneira de pensar o cuidar é considerá-lo no contexto de um conjunto de procedimentos ou protocolos efetuados pelas instituições de saúde. De uma parte, as ciências da saúde, que congregam diferentes pesquisadores e profissionais tem o objetivo de cuidar de pessoas com base em evidências científicas e dispositivos tecnológicos que diferem dos modos tradicionais do saber popular. Desse modo, o cuidar pode ser considerado do ponto de vista de diferentes técnicas, fundadas em conhecimentos científicos ou em tradições populares. Estamos aqui no domínio dos cuidados sanitários que exige o uso de um conjunto de procedimentos, científicos ou tribais, que visam o bem-estar das pessoas. Assim, o cuidado pode ser compreendido como o reestabelecimento da saúde perdida.

Depois dessas considerações iniciais sobre o conceito de cuidar, propomos passar agora para a apresentação da fábula de Higino com o objeto de encontrar nela um ensinamento que nos faça pensar o cuidar mais próximo de um sentido originário, sempre presente nesse tipo de discurso figurado ou cheio de narrativas simbólicas. Higino é um escritor latino que viveu em Roma entre os séculos I a.C. e o I d.C.. Ele sintetizou, a partir de mitos gregos e latinos, uma fábula sobre o cuidado.

A fábula de Higino sobre o Cuidar

A fábula pode ser dita assim: Certa vez, quando estava atravessando um rio, Cuidado avistou um pedaço de barro. Teve a ideia de moldá-lo, dando-lhe forma. Enquanto estava pensando o que ele acabara de criar, interveio Júpiter. Cuidado pediu a ele que soprasse espírito na forma que ele tinha acabado de moldar. Júpiter

o atendeu prontamente. Cuidado quis, então, nomear a criatura criada. Todavia, Júpiter se opôs, exigindo que ele, que lhe dera forma de vida, fosse aquele que lhe desse o nome. Enquanto cuidado e Júpiter disputavam para definir quem lhe daria o nome, surgiu a Terra que, por ter cedido parte de seu corpo para o que fora criado, queria também nomeá-lo. Diante de tamanha disputa, decidiram que Saturno seria o juiz daquela controvérsia. Saturno, movido pelo desejo de comunicar uma decisão justa e equânime, proferiu a seguinte sentença: “Tu Júpiter, por teres dado o espírito à criatura criada, deves receber na morte o espírito de volta. Tu, terra, que cedeste parte do teu corpo, receberá o corpo de volta quando a criatura morrer. Todavia, considerando que Cuidado foi quem primeiro o fabricou, pertencerá a ele a criatura enquanto ela viver. E constatando que a disputa com relação ao nome tornou-se insolúvel, eu mesmo lhe darei o nome, ele será chamado de humano, pois foi feito de húmus da terra”.

Na fábula, o ser humano foi criado por Cuidado que usou o húmus fértil da terra para produzi-lo. Ele se tornou uma realidade que possuía uma materialidade determinada, mas não possuía animação. Ele era inerte, desprovido de movimentos. Não tinha espírito. Somente Júpiter com seu sopro gerador de vida pôde lhe conceder ânimo, fôlego de vida. Nasce entre Cuidado e Júpiter uma disputa para saber quem iria dar nome, que significa o detentor da paternidade do ser humano. Participa também dessa querela a Terra que quis dar nome à criatura por ter doado parte de si na fabricação. Considerando que eles não conseguiram encontrar entre eles uma solução para a referida disputa, recorreram a um terceiro para encontrar uma saída. Saturno, na condição de juiz, procurou ser justo. Concedeu a cada um o que lhe pertencia. Ao Cuidado caberia ficar com o ser humano enquanto ele vivesse. A Terra ficou acertado de ficar com o corpo do humano depois da morte dele. A Júpiter foi concedido ficar com o espírito do ser humano somente depois da morte dele. Mas foi Saturno, na sua soberania, que lhe deu o nome de humano.

O corpo próprio em Merleau-Ponty

Depois de descrever a fábula e fazer essa breve síntese, propomos agora apresentar o conceito de corpo próprio em Merleau-Ponty para, em seguida, discutir o conceito de saúde funcional e saúde criativa, correlacionando com a referida fábula.

Uma das maiores descobertas de minha vida pessoal e acadêmica foi compreender que meu corpo não podia ser reduzido a um conjunto de proposições derivadas de explicações anato-fisiológicas. Os estudos de Merleau-Ponty sobre o fenômeno perceptivo, em sua obra *Fenomenologia da Percepção*, revolucionaram minha forma de pensar e viver o corpo. Sua concepção de corpo próprio, enquanto o corpo tal como o percebo ou o experimento, me fez ver uma nova maneira de olhar o corpo. O destaque dado à explicação do corpo em seu funcionamento orgânico, difundida na minha formação em Educação Física, passou a ser mudado. Depois de Merleau-Ponty, o foco passou a ser o corpo tal como ele é percebido enquanto sujeito encarnado e não o seu funcionamento orgânico.

Minha formação em Educação Física foi marcada por uma visão que separava o corpo da subjetividade. Foi com a filosofia de Merleau-Ponty que descobri que não se pode falar do corpo desconsiderando as narrativas que produzimos sobre ele com base em nossas percepções. A fisiologia e a anatomia só mostravam o corpo como uma massa composta por vários órgãos, separados *partes extra partes*. Desse modo,

o corpo é apenas considerado, sobretudo, como um evento natural a ser observado pelo saber científico predominantemente positivista.

Merleau-Ponty me fez redescobrir o corpo. Tudo o que eu conheço acerca do meu corpo, seja por meio de uma explicação científica ou de uma descrição de minhas experiências, eu sei a partir de minhas percepções. Nesse sentido, corpo matéria e corpo sujeito perceptivo se entrelaçam numa unidade viva que se expressa como experiências vividas. O corpo passou a ser considerado, por mim, como uma rede de experiências perceptivas compartilhadas com o outro e não uma estrutura funcional mecanicamente articulada e explicada pelo discurso científico. Os movimentos do meu corpo não são meros atos mecânicos, mas também atos intencionais, expressivos, espontâneos e carregados de desejos. Os aspectos vitais e funcionais se entrecruzam com os aspectos culturais e criativos do corpo próprio.

O corpo, que é o centro de todas as nossas percepções, realiza o ato de perceber sempre em perspectiva. Os movimentos do corpo, que se dirige para perceber o mundo e o outro em perspectiva, cria um modo dos fenômenos se fazerem presentes em nosso campo perceptivo para poderem, assim, existir para nós. Perceber, considerando o corpo próprio, é reconhecer que se têm faces visíveis e invisíveis de tudo que percebemos. Existe em Merleau-Ponty, uma impossibilidade radical de se objetivar efetivamente nosso contato perceptivo com o mundo e com o outro, bem como o nosso contato perceptivo com o nosso próprio corpo. É o perspectivismo fenomenológico que impera na filosofia do corpo próprio de Merleau-Ponty.

Pela percepção do corpo próprio, o mundo e o outro nunca estão diante de mim como um objeto perfeitamente exposto, mas sempre ao meu lado com facetas visíveis e invisíveis. Meu corpo percebido é sempre presente para mim mesmo. Sua presença perceptiva se impõe. Ela é o horizonte permanente que se constitui num “eu posso”, capaz de explorar dinamicamente diferentes paisagens do mundo e do olhar do outro. Considerado como corpo próprio, nosso corpo ganha uma abertura que se atualiza em cada nova percepção que realiza. Ele cria a possibilidade de não ficarmos refém de hábitos repetidos e cristalizados, mas nos faz abrir novos cenários de elaborações expressivas.

O corpo deixa de ser considerado como mera máquina funcional para ser um vivente capaz de criar ou inventar modos de existir a partir das experiências de si no mundo. Com a noção de corpo próprio, Merleau-Ponty revela, para mim, a possibilidade do corpo ser um narrador de vivências. Meu corpo sente, descreve e interpreta o que sente não apenas como realidades factuais, mas como elaborações narrativas para expressar um estilo próprio de viver. Ele produz um saber “estesiológico” que cria diferentes maneiras de se situar em relação ao mundo e ao outro.

Com base na compreensão do corpo, centrada na experiência perceptiva do sujeito encarnado, Merleau-Ponty busca considerar o corpo a partir da experiência de uma relação de *pathos* ou ligação visceral com o mundo e com o outro. Os atos intencionais do corpo próprio não nascem de si sem os vínculos com o mundo e com o outro. Todos os atos intencionais do corpo próprio são frutos da sua condição radical de ser-no-mundo. Não há corpo próprio sem um mundo e o olhar do outro que o acolhe ou lhe repulsa. É por essa razão que Merleau-Ponty opta por falar do corpo próprio como carne em seu livro *O visível e Invisível*. Não compreendemos que o conceito de corpo próprio seja abandonado pelo filósofo, mas ele é radicalizado

pela ideia de que o corpo próprio é sempre considerado numa perspectiva relacional.

Depois de apresentar o conceito de corpo próprio em Merleau-Ponty, iremos agora discutir, com base nesse conceito, a fábula de Hígino para pensar as oscilações entre saúde funcional e saúde criativa.

Saúde funcional e saúde criativa

Somos seres marcados pelo desamparo. Somente o barro com forma humana não garante a vida. É preciso a manifestação dos movimentos da vida. Cuidado não poderia criar o ser humano sozinho. Suas mãos criadoras, que manipularam o húmus da Terra, precisavam do sopro vivificante de Júpiter para conceder vida ao torrão de barro trabalhado. Todo debate sobre o nome da criatura, não pode deixar de lado uma temática chave para se compreender o humano: o desamparo. Nesse sentido, a vida desamparada do humano exige cuidados para superar a condição original de fragilidade e vulnerabilidade. Desse modo, somos definidos por uma carência radical que nos faz estar ligados ao outro por relações que exigem cuidar. É por essa razão que Saturno decide deixar com Cuidado o humano enquanto ele viver. Não há vida humana sem cuidados.

O corpo próprio, que expressa nossa vida no sentido singular, exige que a vida seja vivida numa perspectiva *sui generis*. A singularidade é um sinal de que, pelo corpo próprio, buscamos o viver criativo. O corpo não vive apenas por meio de alterações biológicas do ponto de vista físico-químico, consideradas isoladamente. A vida do corpo não se reduz ao processo de crescimento e envelhecimento, considerados cronologicamente do ponto de vista desenvolvimentista. Isso significa que não se está considerando apenas o cuidar do ponto de vista orgânico, mas o cuidar do ponto de vista criativo ou simbólico.

Saturno já sabia de antemão que o humano só poderia receber o nome por conta da sua condição de ser gerado do húmus da terra. Isso é a marca de sua fragilidade. Por essa razão precisava de cuidados. Todavia, esses cuidados não são apenas funcionais para atender as necessidades orgânicas do corpo. Os cuidados precisam também alcançar a ordem do criativo ou do simbólico. Logo, o corpo que mantém o potencial de encontrar soluções criativas para os desafios da vida no mundo e nas relações com o outro é um corpo saudável. Em outras palavras, o corpo saudável, numa perspectiva criativa, é aquele que é capaz de transitar da saúde funcional, que reestabelece funções ou evita disfunções no organismo, para a saúde criativa, disposição cotidiana para doar sentido à vida.

Para Winnicott (1982), criativo é aquele que está com os pés bem plantados na terra. Somos terráqueos. Não podemos fugir dessa condição. Saturno visualizou bem essa condição. Mas, a vida que pulsa em nós nos conduz também para a capacidade de sentir que podemos criar e recria o mundo, nem que seja sob a forma de sonhos, sonhados e recordados. Inventamos poesias, ficções, pinturas e esculturas. Isso nos faz saudáveis. A saúde nunca é a ausência de doença, mas a produção de um sentido para vida, que só a força da saúde criativa pode realizar. Inspirado em Winnicott (1975), essa criatividade está diretamente associado ao brincar. É a força lúdica de criar que nos mantém saudáveis do ponto de vista criativo. É importante ressaltar que o brincar não assume aqui o sentido restrito da brincadeira infantil, mas mostra o sentido de viver criativo numa perspectiva lúdica, que pode estar presente em todo tempo de nossa vida.

Por mais entediante ou sufocante que possa parecer a rotina da vida, é possível inventar dinâmicas criativas que alimentem a imaginação. Essas dinâmicas podem ser alcançadas por meio da valorização de experiências culturais de natureza artística. Todavia, segundo Winnicott (2011), há uma diferença entre a criação artística e o viver criativo. A criação artística demanda do indivíduo um certo talento para produzir uma obra de arte. O viver criativo é um modo de existir, que diz respeito a tudo aquilo que fazemos para revigorar o sentimento de que estamos vivos e de que nós somos seres singulares.

Compreendemos que é possível relacionar o conceito de viver criativo de Winnicott com o conceito de corpo de próprio de Merleau-Ponty para propor a criação de um campo oscilatório de saúde funcional e saúde criativa.

Tem horas que o nosso corpo precisa de analgésico, um banho frio, um copo de vinho, uma macarronada, um suco de cajá ou um antibiótico. Mas tem horas que ele precisa de uma boa música, de uma cadeira de balanço, da brisa do mar, do cheiro da flor, de uma gargalhada ou de uma escuta para desabafar. Recordo-me aqui de nosso projeto de extensão – Matizes do Corpo – desenvolvido na Universidade Federal da Paraíba. O objetivo é produzir documentários educativos sobre as práticas de cuidar de si em diferentes grupos sociais e utilizá-los como vídeos de referência para pensar as díspares práticas de cuidar. Nos documentários produzidos, podemos entrar em contato com jovens que dizem que o corpo precisa ser cuidado para manter um bem-estar físico capaz de evitar doenças crônico-degenerativas. Eles também relataram que a saúde do corpo está associada à satisfação com imagem corporal. Pelos idosos, podemos escutar discursos que falam do cuidar do corpo como experiência de saúde de maneira paradoxal. Segundo eles, ser saudável é tomar remédios contínuos de maneira correta, conservar o corpo limpo e ainda poder ainda viver cuidando de si sem precisar de cuidados alheios. A saúde está mais associada à autonomia dos movimentos do que à ausência de doenças ou à satisfação com a imagem corporal.

Criar um campo narrativo, por meio do documentário, para que os corpos possam se expressar é também uma forma de cuidar. Deixar as pessoas falarem livremente tudo que lhe vem à mente sobre corpo, saúde e cuidado de si é também uma forma de cuidar. Acreditamos que estamos desenvolvendo uma prática de saúde com essa atividade de extensão. Não estamos tratando o cuidar apenas pela força do discurso científico positivista, muitas vezes idealizados, sobre o que significa saúde. Não existe um sentido unívoco de corpo, saúde e cuidado de si. Existem práticas que podem ser compartilhadas por meio de rodas de conversas que, na maioria das vezes, tem efeitos terapêuticos.

É verdade que às vezes precisamos fazer exames de endoscopia ou colonoscopia. Em outras ocasiões precisamos fazer um ultrassom do abdome. Mas isso é apenas uma faceta do cuidar e da saúde. Nosso corpo não comporta apenas a condição de orgânico. Ele é meu ponto de vista sempre presente. Ele é a condição de expressão de meus gestos espontâneos e criativos. Merleau-Ponty e Winnicott apontam para a perspectiva de compreender corpo, saúde e cuidar como modos de abertura para a existência e não como uma mera realidade no cenário orgânico de reações fisiológicas.

Com base nessas reflexões, podemos considerar também o modo como Heidegger (2002) considera o conceito de cuidar. A contribuição dele é compreender o cuidar como sendo da ordem do *Dasein* como abertura ontológica à coexistência. Nesse sentido, aquele que cuida dele mesmo não é um eu ou um indivíduo isolado. Cuidar é compreendido como sendo da ordem do preocupar-se, ocupar-se de maneira antecipada com a vida. Viver exige uma presença no mundo

sempre marcada pela exigência de estar com o outro cujo vínculo demanda cuidados.

Cuidar: esculpindo o ser humano

Retomando a fábula de Higino, podemos dizer que Cuidar é o personagem responsável por esculpir o ser humano, que obteve seu corpo a partir do solo húmido da Terra. A condição de advir do húmus da terra deixa o humano em situação de vulnerabilidade e finitude. Mesmo que o espírito vital de Júpiter habite o corpo do ser humano, ele não consegue manter-se vivo sem a intervenção de Cuidar. As ações de Cuidar exigem atos de interpretação ou de tradução para saber aquilo que é importante para a vida, sempre de maneira antecipada.

A vulnerabilidade que nos faz demasiadamente humano é uma marca de nossa existência que se estabelece em função da nossa relação com os nossos semelhantes e a natureza por conta do corpo. É em função dessa relação alargada entre os humanos e as outras formas de vida da natureza que Hans Jonas (2006) aponta para a necessidade de se pensar uma ética da responsabilidade. O ser humano, mesmo instituído pela fragilidade e pelo desamparo, é o centro da responsabilidade pela vida no planeta. Cuidar de nós mesmos exige um cuidado descentralizado ou ecológico.

O corpo próprio, em Merleau-Ponty, é sempre concebido na perspectiva de compreender o sensível no duplo sentido daquilo que sentimos pelo corpo e do próprio corpo enquanto aquele que sente. Estamos considerando um entrelaçamento primordial que gera uma interdependência entre corpo, natureza e cultura. Assim, toda corporeidade é antes de tudo intercorporeidade. O cuidar para Merleau-Ponty é estabelecido sempre de maneira intercorpórea.

Pensar o cuidar com o corpo isolado não faz o menor sentido. Os atos intencionais do corpo próprio não nascem de si sem as contaminações do outro. Todos os atos do corpo são frutos da sua condição radical de ser sempre com o outro. Nesse sentido, o cuidar não é só de si, mas do outro e da vida no planeta. O cuidar, movido por uma responsabilidade pela vida, exige limitações para o poder da ciência e da tecnologia. Não falamos aqui de frear esse poder ao ponto de barrar o desenvolvimento de pesquisas e do uso de biotecnologias. Hans Jonas (2006) fala da necessidade de assumirmos um engajamento ético para limitar o triunfo da sociedade tecnológica e para evitar a total destruição da vida na terra. Não existe vida humana distinta das outras formas de vida que compõem a biosfera. O cuidar pode ser, desse modo, compreendido como forma de proteger toda forma de vida para não colocar em risco a própria vida humana.

Outra maneira de pensar o cuidar é considerá-lo como uma prática de cuidar de si e do outro do ponto de vista da biopolítica, segundo a perspectiva de Foucault (2010). Todas as práticas de cuidar são transformadas em dispositivos de controle, limitando o poder da vida subjetiva. A vida é disciplinada e controlada por relações de poder no seio das instituições sociais. Todavia, a vida pode se tornar rebelde ou transgressora. O corpo disciplinado e controlado pode se rebelar e transgredir ou subverter as regras instituídas. Novas formas de governo de si se opõem ao poder instituído. Foucault (2010) considera que o sentido de *heautou epiméleia* pode ser compreendido como uma prática biopolítica.

O corpo não é apenas submetido passivamente ao controle institucional. Ele pode agir socialmente criando novas técnicas que se opõem às diferentes formas de

subordinação. Os modelos padronizados de cuidar não conseguem dar conta das inclinações estéticas da existência. Essa estética é uma atitude de liberdade contra os modelos de vida estandardizados. Criar diferentes modos de vida nos conduz a compreender o cuidar como fazer do corpo uma obra de arte. O corpo próprio, para Merleau-Ponty, é fundamentalmente uma obra de arte. A vida aqui pode ser metaforizada ou simbolizada. Pelo cuidar, o corpo humano é visto como uma obra de arte a ser construída cotidianamente. Desse modo, o corpo humano não segue apenas os caminhos regulares e ordinários da vida biológica. O corpo humano é surpreendente e produz uma vida extraordinária.

Os cuidados com a vida humana não é somente vistos aqui de maneira habitual ou repetitiva por meio do uso regular de normas técnicas. O corpo humano pode se desprender do habitual e criar diferentes formas de existir. A vida não segue simplesmente o curso biológico das determinações mecânicas. O corpo humano pode suspender o familiar e o habitual para gerar o surpreendente.

O conceito de cuidar pode ser visto de uma perspectiva antropológica, que caracteriza o ser humano pela prática dos cuidados de seu corpo. Segundo Boff (1999), o ser humano não tem apenas necessidade de cuidados para viver. Ele se define como aquele que é o ser do cuidar. O cuidar é constitutivo do humano. Desprovido de cuidados, o ser humano não pode ser considerado humano. Sem as práticas de cuidar a humanidade fica ameaçada.

A vida humana é definida pelos cuidados que zelam pela vida. Eles nos tipificam como humano. Quando o cuidar se revela com toda sua intensidade pela permanência da experiência de presença no mundo, podemos perceber o sentido de coexistência que demanda o cuidar. Esse sentido vislumbra uma esperança num cenário apocalíptico de nossos tempos. Desprovido de uma vida marcada pelo cuidar, nós seremos apenas destrutivos e incapazes de nos reinventarmos como humanos todos os dias.

Pelos caminhos do cuidar, encontraremos a necessidade imperativa de sermos responsáveis pelo outro na sua alteridade. É nesse contexto que Lévinas (1980) propõe uma ética do acolhimento do outro em sua radicalidade. Essa ética é necessária para reconhecer todos os apelos do outro na sua condição de alteridade. Cuidar é viver intensamente a atitude de reconhecer que somos todos presentes no mundo respeitando a particularidade da vida de cada um.

Conclusão

Apesar de todo progresso da ciência e da tecnologia que nos assegura uma vida mais longa, nós continuamos desamparados, vulneráveis e mortais. Fala-se muito hoje em cuidados paliativos. Quando o sofrimento atinge níveis insuportáveis sem perspectivas de superação da situação, o cuidar pode ser a única alternativa para manter a vida. Mas, até quando prolongar a vida? De que sentido de vida estamos falando aqui? Devemos insistir na terapêutica ou praticar a eutanásia? Cuidar não coloca apenas o problema da “boa vida”, mas também o da “boa morte”. Essa questão nos faz pensar em Michel de Montaigne (1991) que, inspirado em Platão, afirma que a verdadeira filosofia é aprender a morrer.

Com base em Merleau-Ponty, podemos dizer que o cuidar é uma experiência estesiológica na medida em que ela pode ser compreendida numa perspectiva originária. Essa experiência de pertencimento à terra como vida sensível do corpo é a abertura para um campo de vida possível, um horizonte utópico e de esperança. O

cuidar não é apenas uma exigência por conta do estado de imanência em relação à terra (exigência de Saturno que o ser humano continue nas mãos de Cuidado). O cuidado também é por conta de uma abertura para uma vida que transcende a terra, nos exigindo gestos de *poiesis* ou de criatividade em relação à vida (exigência de Saturno para que Júpiter espere até o último momento da vida humana para que o espírito possa retornar para si; pois enquanto tiver vida, há sempre a possibilidade da emergência do surpreendente, do simbólico, do improvisado, do expressivo). A terra dá sustentação, o apoio necessário para que o corpo esteja sempre amparado (exigência de Saturno que a mãe terra seja o sustentáculo e a receptividade do corpo até que ele deixe de ser corpo vivente encarnado no mundo para torna-se um cadáver). Cuidar também exige um lugar singular por meio de um nome que Saturno ficou responsável de doar.

Mesmo que nosso texto faça uma abertura para mencionar o cuidar no âmbito de uma ética da responsabilidade, de uma ética do respeito à alteridade, de uma biopolítica e de uma antropologia filosófica, reconhecemos que o cuidar ganha toda uma configuração primordial no sentido de uma estesiologia do cuidar quando evocamos o tema do corpo próprio em Merleau-Ponty associado ao de cuidar em Winnicott. É na perspectiva dessa estesiologia que situamos a cuidar num campo de oscilação entre a saúde funcional e criativa. É o cuidar como expressão criativa do corpo próprio que a saúde abre caminhos para a arte do “bem-viver” que não se reduz aos dispositivos funcionais da ciência e da técnica do “bem-estar”. O critério de reconhecimento da saúde criativa é a força expressiva dos gestos espontâneos do corpo próprio e não a mecânica da funcionalidade do corpo biológico.

Referências

BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do humano-compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAMINHA, Iraquitán de Oliveira. *O distante-próximo e o próximo-distante: corpo e percepção na filosofia de Merleau-Ponty*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do sujeito*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

JONAS, Hans. *O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006.

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade*. Lisboa: Edições 70, 1980.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la Perception* (1945). Paris: Gallimard, 1992.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le visible et l'invisible* (1964). Paris: Gallimard, 1991.

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaios*. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966.

WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald Woods. *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

WINNICOTT, Donald Woods. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins fontes, 2011.

Recebido em: 03/2023
Aprovado em: 04/2023